

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Giovana Pagani Daleffe¹

Gislene Camargo²

Resumo

O estudo apresenta as contribuições da Psicopedagogia Institucional na Formação de Professores e justifica-se pela participação como egressa no Grupo de Pesquisa “Políticas, saberes e práticas de formação de professores” da UNESC, tendo como linha de Pesquisa “Saberes docentes e formação de professores”. Sua metodologia apresenta-se como pesquisa bibliográfica e o objetivo geral é analisar como a ciência psicopedagógica pode contribuir para a formação continuada de professores e definiu-se como objetivos específicos: apresentar o papel da Psicopedagogia em seus campos clínico e institucional bem como relacionar a contribuição da Psicopedagogia Institucional na formação de professores. Para a elaboração do estudo, utilizou-se dos principais autores: ARGENTI (2001), BASTOS (2015), ESCOTT (2001), LIBÂNEO (2004), WEISS (1994), TARDIF (2000), NÓVOA (2017), GARCIA (1999). O trabalho está dividido nas seguintes sessões: O surgimento da Psicopedagogia e suas relações com o processo de ensino e aprendizagem; A atuação profissional do/a Psicopedagogo/a nos campos: clínico e institucional; A instituição como espaço de relações de aprendizagem: o papel do psicopedagogo institucional; Diálogo entre a Psicopedagogia Institucional e a Formação de professores: coparticipação e engajamento colaborativo. O artigo dialoga com conhecimentos pedagógicos e psicopedagógicos e apresenta a relevância da atuação do Psicopedagogo Institucional na formação de professores.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Psicopedagogia Institucional. Pedagogia. Formação de professores.

Abstract

The study presents as contributions of Institutional Psychopedagogy in Teacher Training and is justified by the Participation as Participant in the Research Group “Policies, Knowledge and Practices of Teacher Training”, having as research line “Teaching Knowledge and Teacher Training”. Its methodology is presented as a bibliographic research and the general objective is to analyze how scientific psychopedagogy can contribute to the continuous formation of teachers and defined as objectives: to show the role of psychopedagogy in their clinical and institutional fields, as well as to relate a study of Psychopedagogy. Institutional in teacher training. For the elaboration of the study, it used the main authors: ARGENTI (2001), BASTOS (2015), ESCOTT (2001), LIBÂNEO (2004), WEISS (1994), TARDIF (2000), NÓVOA (2017), GARCIA (1999). The work is divided into the following sections: The emergence of

¹ Pedagoga e pós graduanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). E-mail: giovana_pdaleffe@hotmail.com

² Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul. Coordenadora do Curso de Pedagogia da Unesc. E-mail: gislene@unesc.net

psychopedagogy and its relations with the teaching and learning process; Professional performance of the Psychopedagogue in the fields: clinical and institutional; An institution as a space for learning relationships: the role of the institutional psycho-pedagogue; Dialogue between Institutional Psychopedagogy and Teacher Education: co-participation and collaborative engagement. The article dialogues with pedagogical and psychopedagogical knowledge and presents a relevance of the performance of the Institutional psychopedagogue in the formation of teachers.

Keywords: Psychopedagogy. Institutional Psychopedagogy. Pedagogy. Teacher training.

Este trabalho tem como pressuposto básico analisar como a Psicopedagogia Institucional pode contribuir com a formação continuada de professores. Definiu-se como objetivos específicos: apresentar o papel da Psicopedagogia em seus campos clínico e institucional e relacionar a contribuição da Psicopedagogia Institucional na formação de professores.

O interesse pelo tema surgiu pela participação no Grupo de Pesquisa “Políticas, saberes e práticas de formação de professores” da UNESC³, liderado por Ricardo Luiz De Bittencourt e Gislene Camargo, tendo como linha de Pesquisa “Saberes docentes e formação de professores”, no subprojeto “Desafios enfrentados por professores iniciantes no campo profissional”.

A partir das discussões oportunizadas no grupo de pesquisa, entre outros autores, fundamentadas em Tardif (2000), Nóvoa (2017) e García (1999), definiu-se por estabelecer um diálogo teórico entre autores relacionados à Formação de professores e teóricos relacionados à Psicopedagogia, como Weiss (1994), Bossa (2000) e Escott (2001). Evidenciando esse diálogo, no sentido de pensar na formação de professores sob um olhar preventivo, definindo estratégias psicopedagógicas no âmbito da instituição, que possam atender as necessidades da formação de professores, contribuindo para a qualidade na educação.

Com esse desejo, recorreu-se à estudos produzidos sobre formação de professores e a atuação do/a psicopedagogo/a institucional, constituindo uma análise reflexiva sobre tais indicações.

³ Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Assim, o estudo metodológico apresenta-se como pesquisa bibliográfica que segundo Pinheiro (2010) é elaborado a partir da análise de materiais já publicados, como artigos de periódicos. Esse formato viabiliza, relacionar e/ou reafirmar discussões teóricas, contribuindo para a análise reflexiva sobre o conhecimento produzido cientificamente.

Sob a ótica de autores reconhecidos no campo da Psicopedagogia e Formação de professores, objetiva-se analisar como a ciência psicopedagógica pode contribuir para a formação de professores no contexto da instituição.

O surgimento da Psicopedagogia e suas relações com o processo de ensino e aprendizagem

A Psicopedagogia originou-se historicamente como a ciência que busca compreender o sujeito em suas dimensões subjetivas e objetivas, respeitando suas singularidades e reconhecendo a importância dos aspectos orgânicos, sociais, cognitivos e emocionais para o processo de ensinar e aprender.

Segundo Bossa (2000) a Psicopedagogia iniciou sua trajetória na Europa, ainda no século XIX e as primeiras preocupações em relação aos problemas de aprendizagem, apresentavam o enfoque orgânico, o que orientou médicos, educadores e terapeutas da época. Escott (2004) argumenta que inicialmente, a visão patológica reconhecia o que hoje entendemos por dificuldade de aprendizagem, como déficit ou distúrbio, sendo assim, orientada por outras áreas do conhecimento, como a Psicogenética, Psicanálise, Neurologia e Psicomotricidade.

Segundo Argenti (2001) na década de trinta a Psicopedagogia ampliou seu olhar, sendo fundados na França os primeiros centros de orientação infantil formados por diferentes profissionais. George Mauco, foi o fundador do primeiro centro médico-psicopedagógico com o objetivo de articular a Medicina, Psicologia, Psicanálise e Pedagogia em prol de soluções para os problemas de comportamento e aprendizagem (BOSSA, 2000).

Com a evolução dessa ciência e a complexa ação de compreender a aprendizagem, assumiu-se um caráter interdisciplinar, o que expõe Bossa (2000, p. 18):

Penso que a Psicopedagogia, como área de aplicação, antecede o *status* de área de estudos, a qual tem procurado sistematizar um corpo teórico próprio, definir o seu objeto de estudo, delimitar o seu campo de atuação, e para isso, recorre à Psicologia, Psicanálise, Linguística, Fonoaudiologia, Medicina, Pedagogia.

Na década de setenta a Psicopedagogia chegou no Brasil, ainda voltada para os problemas neurológicos. Sobretudo, embora inicialmente a Psicopedagogia esteve voltada para a prática de reeducação, assemelhando-se ao professor de reforço, aos poucos foi construindo um olhar dinâmico para o processo e avançando nas áreas de atuação (BASTOS, 2015). E então, na década de oitenta

[...] em razão do fracasso escolar extensivo dos alunos e docentes [...] e pela falta de formação adequada, bem como em consequência das dificuldades encontradas nas instituições educacionais, os cursos de Psicopedagogia voltaram-se para uma atuação clínica mais preocupada com o aspecto preventivo e terapêutico das diversas dificuldades de aprendizagem. (BASTOS, 2015, p.20)

A partir disso, a Psicopedagogia ressignificou seu olhar sobre o aprendiz⁴ e o ensinante⁵, compreendendo-o como “[...] sujeito que não equivale nem ao indivíduo, nem ao eu, mas ao sujeito do inconsciente inserido na linguagem [...]” (BASTOS, 2015, p. 20). Assim, o/a psicopedagogo/a passou a investigar o modo próprio de cada sujeito interagir com a aprendizagem, concebendo o aprender como ato social e psíquico.

Castanho (2018, p. 118) menciona que:

A vida humana não cabe em gavetas que a pretendem analisar por meio de fragmentos. As relações entre os homens geram fenômenos e situações altamente complexas, de cunho ético, político, social, cognitivo, econômico, que, para a sua compreensão, se faz necessária a participação, a interação e a colaboração das várias áreas do conhecimento.

⁴ Termo utilizado na Psicopedagogia para referir-se ao sujeito que aprende.

⁵ Termo utilizado na Psicopedagogia para referir-se ao sujeito que ensina.



Nesse sentido, a Psicopedagogia assumiu um caráter interdisciplinar e a partir de 1980, século XX, tiveram início os primeiros cursos profissionalizantes em Psicopedagogia e também as primeiras atividades da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), constituindo um marco inicial na institucionalização deste profissional no Brasil. A década de 90, foi marcada pelas contribuições teóricas e práticas de Psicopedagogos argentinos, espanhóis e franceses, que inspiraram a prática dessa ciência no Brasil. (COSTA; PINTO; ANDRADE, 2013).

Bossa (2000, p. 35) discorre que “[...] o movimento da Psicopedagogia no Brasil remete ao seu histórico na Argentina devido à proximidade geográfica e ao acesso fácil a literatura”. Desse modo, pode-se perceber as inúmeras contribuições que constroem a historicidade desse campo de conhecimento o que expõe Argenti (2001) quando afirma que diferentes enfoques constituíram a historicidade da Psicopedagogia.

O Deputado Barbosa Neto, por meio do projeto de Lei nº 3.124/97, propôs a regulamentação do profissional em Psicopedagogia nos campos Clínico e Institucional (SCOZ; COL, 1998, apud BOSSA, 2000). Atualmente, cabe a Psicopedagogia ampliar suas contribuições, tornando-as consolidadas no contexto educacional brasileiro frente aos desafios e possibilidades existentes em suas diferentes atuações profissionais, clínica e institucional.

A atuação profissional do/a Psicopedagogo/a nos campos: clínico e institucional

Entende-se que o profissional em Psicopedagogia deverá atuar na perspectiva de que “[...] com uma visão ampla [...] trabalha com o propósito de que as pessoas tenham qualidade em suas relações com o conhecimento.” (WOLFFENBÜTTEL, 2005, p. 29). O/a psicopedagogo/a necessita de um corpo teórico e prático que fundamente seu papel na sociedade, oportunizando assim uma ação coerente com as necessidades encontradas.

Em sua prática cabe compreender e acompanhar as situações evolutivas no processo de construção de aprendizagem, identificando os problemas e suas origens. Assim, torna-se um investigador capaz de intervir e prevenir dificuldades no processo ensino-aprendizagem (ARGENTI, 2001). Posto a isso, Wolffenbüttel (2005, p. 30) revela que:

[...] são qualidades essenciais a esse profissional: o exercício da escuta; o olhar sobre o significado do aprender em cada contexto e grupo; a tolerância à frustração diante das próprias limitações; a aceitação e a compreensão sobre as dificuldades dos sujeitos não projetando assim um ideal de paciente e de grupo; ter uma postura permanentemente investigativa e pesquisadora; ter visão ampla que considere todos os fatores que intervêm no processo de aprender, ter autonomia e compromisso com sua formação permanente; ter suas próprias questões de aprendizagem bem trabalhadas e resolvidas.

O/a psicopedagogo/a poderá atuar nos campos clínico e institucional, que embora possuindo características diferentes, se entrelaçam no sentido de objetivar o resgate do desejo de aprender de ensinantes e aprendentes. Cabe nesse momento, conceituar brevemente suas diferenças e aproximações.

No campo clínico, a Psicopedagogia se concentra em investigar a etiologia, ou seja, o estudo sobre as causas das dificuldades de aprendizagem e da compreensão deste processo, considerando as diversas variáveis envolvidas. Fatores importantes são: o diagnóstico e a intervenção psicopedagógica, sob o formato de atendimentos clínicos e contatos com a família e a escola do paciente, esse campo denota espaço, materiais e metodologias adequadas para serem utilizados nos atendimentos (WOLFFENBÜTTEL, 2005).

A atuação na clínica compreende o que Wolffenbüttel (2005, p. 29) apresenta:

[...] devolver ao sujeito o desejo de aprender, ou seja, oportunizar a ocupação de um outro lugar, o de quem pode ter autoria de pensamento, ser protagonista de sua própria história de aprender sem sentimentos de culpa e submissão. Esse resgate acontece a partir da oportunização ao sujeito de um espaço para expressar seus anseios, trabalhar simbolicamente, suas dificuldades, suas dúvidas, seus medos.

O objetivo central do atendimento é que por meio da intervenção terapêutica, o sujeito possa se apropriar da possibilidade de construir seus próprios

conhecimentos, Wolffenbüttel (2005, p. 141) afirma que o sujeito necessita “[...] ser autor de seu pensar e de sentir prazer em aprender.” Bossa (2000) destaca que na abordagem clínica o psicopedagogo diagnostica e intervêm nos problemas já constituídos, na Institucional, o psicopedagogo deve propor ações que possam prevenir o não acontecimento das dificuldades, preocupando-se com a ação preventiva dos problemas de aprendizagem.

Revela-se então, que no campo clínico o profissional irá interagir com uma queixa, uma dificuldade de aprendizagem, um sintoma constituído e no campo institucional o enfoque está na prevenção destas rupturas. Os espaços institucionais podem ser organizações, escolas, empresas, hospitais, ambientes que proporcione discussões em caráter educativo sobre o ensinar e o aprender (WOLFFENBÜTTTEL, 2005).

Companhoni e Rubio (2014) apresentam que nas instituições escolares o/a psicopedagogo/a poderá orientar gestores e professores na prevenção e no estudo de como está sendo construído e administrado o conhecimento. Em hospitais, o profissional poderá auxiliar o paciente no sentido de minimizar o sofrimento, enquanto que na atuação empresarial poderá potencializar as relações e interações.

No campo institucional, cabe ao profissional possibilitar reflexões significativas sobre o processo de aprendizagem, elas podem acontecer de forma coletiva, em pequenos e grandes grupos, contribuindo para que os agentes envolvidos no processo de aprendizagem possam entender por que transformar esse ambiente em um verdadeiro espaço de construção de conhecimentos e como reinventá-lo (BOSSA, 2000).

Bossa (2000) também registra que o trabalho Institucional visa em sua prática, resignificar as relações e interações com o conhecimento, promover vínculos afetivos e experiências saudáveis, auxiliando professores, pais, gestores, alunos e funcionários na superação de desafios e desenvolvimentos de habilidades. Nessa atuação, o/a psicopedagogo/a poderá “[...] contribuir para o resgate do prazer de ensinar e aprender; [...] centra seu olhar sobre os grupos, realiza criterioso diagnóstico e promove intervenções a partir das necessidades evidenciadas pelos sujeitos ensinantes e aprendentes.” (WOLFFENBÜTTTEL, 2005, p. 29).



Em síntese o trabalho clínico oferece subsídios técnicos e teóricos para diagnosticar fraturas no processo de aprendizagem, a partir daí sua intervenção possui caráter terapêutico. No campo institucional, as prevenções destas fraturas podem acontecer por meio da identificação de problemas de aprendizagem, realizando encaminhamentos, compreendo o contexto da equipe/organização e desenvolvendo estratégias que possibilitem avançar essas rupturas.

A instituição como espaço de relações de aprendizagem: o papel do psicopedagogo institucional

As instituições constituem-se por sujeitos e relações de aprendizagem, compreender essas relações e resignificar estes espaços é papel do/a psicopedagogo/a institucional.

Na relação entre organismo, inteligência, corpo e desejo é que se constrói a possibilidade do aprender. Redimensionar o espaço de aprendizagem significa viabilizar ao sujeito a apropriação da sua própria possibilidade e autoria de pensamento, rompendo com a objetividade instituída nas escolas, abrindo novos espaços de circulação da subjetividade individual e coletiva como forma de dar sentido ao ato de aprender (ESCOTT, 2001, p. 206).

Pensar o sujeito, sob a ótica do/a psicopedagogo/a institucional é reconhecê-lo em sua subjetividade, seu contexto biopsicossocial e o equilíbrio dos aspectos - organismo, inteligência, corpo e desejo – assim, as relações de aprendizagem podem acontecer de forma saudável e prazerosa. O/a psicopedagogo/a portanto, poderá resgatar a identidade das instituições, promovendo reflexões individuais e coletivas, capazes de contribuir para a consciência e inovação no coletivo das instituições (ESCOTT, 2001).

Propor espaços de diálogos nas instituições significa promover alternativas de formação contínua dos profissionais. Escott (2001) argumenta que na atuação profissional dos professores, as propostas de intervenção dos/as psicopedagogo/as contribuem para a construção de uma postura investigativa em relação aos processos de ensino-aprendizagem.



Paulo Freire (1997, p. 19) há tempos escreveu sobre o ato de ensinar e aprender:

É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos.

O processo de construção da aprendizagem é, portanto, uma interação mútua entre sujeito que aprende e sujeito que ensina. É nessa perspectiva que o Psicopedagogo atuará. Corrobora-se com Weiss (1994) ao discorrer sobre a intervenção psicopedagógica no contexto da instituição, no qual sugere o desenvolvimento de propostas em grupos operativos, refletindo sobre o aprender à aprender.

Algumas questões que podem ser discutidas com os professores: como cada um foi alfabetizado? O que você lembra sobre a escola? Quais os sentimentos despertados nos dias de avaliação? Como foi seu processo de alfabetização? Quais suas dificuldades? (WEISS, 1994). Nos grupos operativos, os professores são desafiados a verbalizar sentimentos e vivências que o constituíram, refletindo assim sobre sua prática docente e o seu lugar de aprendente.

Promover um ambiente capaz de valorizar o processo de autoria e vínculo, são atividades básicas para a atuação deste profissional nas instituições escolares (lugar em que se dá a pesquisa):

A construção da autoria vem nos fazer alargar nossa visão sobre a aprendizagem e o “quem” aprende, ressaltando a importância do vínculo entre o professor e o aluno. Atualmente, compreendemos que o sujeito da aprendizagem constrói conhecimento na interação com o mundo, um sujeito que tem corpo, organismo, cognição, afeto, emoção, relações, desejos, inconsciente. Um sujeito sistêmico que para aprender põe em jogo suas relações com a vida, com o mundo que o cerca. Um sujeito ativo-interativo que constrói conhecimento na relação com o outro, desde que é gerado. (ANGELINI, 2009, p. 361).

Tornar-se autor do processo é um exercício constante de formação, reflexão, auto avaliação. Exige um movimento de relocar-se para lugares que revelam sobre o ato de aprender e ensinar. Freire (1997, p. 19) diz que “[...] Não o autoriza a ensinar o que não sabe.” Angelini (2009, p. 363 e 364) apresenta o relato de Daniela Zellai, sobre o que podemos definir como autoria.

Ser autor é participar de um processo criativo que nos habilita a superar aquele que fomos ontem. Isto é, pensar, criar, transformar, imprimir um novo olhar diante do que já existe, tudo isso nos transforma enquanto indivíduo. Experimentar a vida no papel de protagonista nos eleva a uma condição humanamente mais consciente e responsável por nós mesmos e isso reflete na sociedade em que vivemos. (...) Portanto, valorizar o ser humano aprendente e colocar-se também como tal favorece a educação como um fazer social, político e ético porque conscientiza, porque constrói em vez de humilhar, separar, alienar. Possibilitar desde o início diversos processos de autoria é um meio fértil de produzirmos uma realidade mais justa, pois, aquele que não pensa permite que o façam por ele.

Nessa perspectiva, o processo de construção da aprendizagem, envolve desafios e superações. Para Verselli (2012) a instituição escolar, ao deparar-se com dificuldades de aprendizagem, poderá assumir condição de solução e não problema, colaborando na elaboração do projeto político pedagógico, auxiliando a equipe e delineando seu olhar para “[...] questões fundamentais: o que ensinar, como ensinar e para que ensinar [...]” (VERSELLI, 2012, p. 74) e “[...] a transformar o ambiente da escola em um espaço de construção do conhecimento [...]” (VERSELLI, 2012, p. 74).

A partir desse entendimento, um dos papéis do/a psicopedagogo/a é realizar o diagnóstico, a fim de identificar onde necessita centrar seu olhar, observador, investigativo e transformador. Ao pensarmos a instituição escolar nesse viés, Verselli (2012, p. 74) comenta que:

[...] muitos professores pedem a presença do psicopedagogo na escola e/ou assessorias com esse profissional, porém quando atividades diferentes são sugeridas para facilitar a aprendizagem dos alunos, são, em muitos casos, ignorados como se pretendêssemos mudar uma cultura que está instalada e que acreditam que sempre deu certo. Diante disso perguntamos: Deu certo para quem? Facilitou a vida de quem? [...] Muitas vezes um professor não percebe que a forma que está ensinando não está em consonância com a forma que a criança aprende.

Criar Educação, Criciúma, v. 11, nº1, jan/jul 2022.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

Assim, o/a psicopedagogo/a orienta o professor a como pensar sobre sua prática e auxiliar na superação das dificuldades em seu exercício docente. Quando necessário, “[...] ele irá, junto com a equipe escolar, encaminhar a criança para outros profissionais tais como: psicólogo, fonoaudiólogo, neurologista.” (ANGELINI, 2009, p. 74). Assim, o papel do/a psicopedagogo/a institucional é pautado na inter-relação com diversas áreas do conhecimento e com a parceria entre diferentes profissionais, sendo sua atribuição:

[...] auxiliar na prevenção do fracasso institucional, pela via da formação do professor, através de um trabalho preventivo, de escuta e do olhar psicopedagógico, um trabalho que busque problematizar as reais necessidades do aluno dentro do contexto em que se encontra, respeitando o seu processo de construção do conhecimento, seu tempo e espaço de aprendizagem. (EIDELWEIN E SANTOS, 2010, p. 35).

Posto isso, a partir de propostas e práticas de intervenção psicopedagógica, que contemplem o processo de ensino aprendizagem, será possível aprimorar práticas docentes nas instituições.

Diálogo entre a Psicopedagogia Institucional e a Formação de professores: coparticipação e engajamento colaborativo

A Psicopedagogia Institucional colabora na formação de professores ao reconhecer que o exercício da docência deve garantir uma postura crítica e reflexiva. Na perspectiva de Freire (1997) a formação de professores é um processo contínuo e permanente que se funda na avaliação da prática pedagógica do ensinante que também é aprendente.

Este entendimento se engaja com a prática psicopedagógica nas escolas, no momento em que o/a psicopedagogo/a atua sensibilizando os profissionais para que essa compreensão seja a vivência da escola, seja o agir e o ser da instituição, espaço coletivo e privilegiado de trocas e interações, que requer investigar a atividade humana e a escuta psicopedagógica.

Assim, faz-se necessário compreender o que Bastos (2015, p. 49) argumenta ao dizer que

[...] o Psicopedagogo levanta questões sobre a instituição escolar e as problematiza conjuntamente com as pessoas, com o objetivo de fazê-las refletir sobre seu querer, sobre seus conflitos e suas contradições [...] Para tanto é preciso apurar a escuta, saber pontuar uma fala, elaborar questões que coloquem o sujeito em movimento e o faça deparar com suas dúvidas [...] A escuta, supõe um distanciamento necessário entre quem fala e quem escuta [...] Através da sua “leitura”, faz emergir conteúdos que estavam latentes e trabalha para fortalecer os vínculos dos integrantes dos grupos.

Despertar o desejo de ensinar e de (res)significar o sentido de ser educador, indicar as consequências da relação professor x aluno, contribuir para a construção de um estilo particular de autoria, despertar o desejo de sair da posição de detentor do saber para problematizar o próprio processo de ensino-aprendizagem (BASTOS, 2015). É desta forma que a Psicopedagogia coparticipa na formação de professores e reconhece a visão de Tardif (2000) ao dizer que o professor se transforma no momento que saberes são mobilizados e construídos e que sua prática copertence a uma situação de trabalho que se mobiliza e se constrói no exercício da docência.

Dessa colocação, emerge a ideia de que o trabalho docente se configura como uma construção contínua, baseada em transformações durante a atividade de ser professor. Nesse contexto de formação, a Psicopedagogia Institucional valoriza a cultura pessoal, a história de vida, os conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, os saberes didáticos, pedagógicos e curriculares, o próprio saber ligado à experiência, a vivência de outros professores e o ofício da prática docente são aspectos que contribuem para o processo evolutivo de constituir-se professor (TARDIF, 2000).

Sobretudo, a intervenção psicopedagógica na formação de professores, irá pautar-se nos conhecimentos da Psicanálise que explicam como as manifestações inconscientes interagem com o saber que não é dito e não completado, pois acredita-se que o sujeito se constitui por rupturas, por faltas que o estruturam e o colocam no lugar de busca da verdade e da realização do desejo. Assim, o professor assumirá sua incompletude, reconhecerá que o desconhecimento e que o saber não é absoluto e/ou simbolizado (BASTOS, 2015).

Libâneo (2004) discorre que a aprendizagem está associada ao

desenvolvimento cognitivo dos sujeitos e objetiva a internalização de conhecimentos bem como o desenvolvimento de capacidades e habilidades. Pensar a aprendizagem e a formação humana em uma perspectiva psicopedagógica é percebê-la como um processo contínuo, evolutivo e singular, que envolve saberes múltiplos, vivências sociais, aspectos biológicos e subjetivos.

A escola, como prática histórica e social, garante “ [...] aprender a cultura e internalizar os meios cognitivos de compreender e transformar o mundo.” (LIBÂNEO, 2004, p. 5). Desta forma, é fundamental estimular a capacidade de raciocínio, de pensar reflexiva e criticamente. O professor, por meio de suas práticas deve possibilitar que o sujeito se constitua de maneira pensante e ativa, capaz de lidar com conceitos, argumentar e resolver conflitos, por isso a razão pedagógica é um valor intrínseco de formação humana (LIBÂNEO, 2004).

O professor alcançará essa condição quando voltar-se para sua história de aprendente, reconhecer e superar suas dificuldades. Nessa perspectiva, Salomon (2004, p. 94) discorre que o psicopedagogo institucional deverá orientar professores e dirigir seu pensar e agir para o processo de construção da aprendizagem:

[...] É este o seu Norte, é para este lugar que dirige o seu olhar inquietante e curioso, que a tudo observa e sobre tudo pensa: a história, as condições, as interações de fatores de ordens diversas na construção do conhecimento – daquela criança, daquela família, daquele professor, daquela instituição.

Professores são sujeitos que produzem sentidos em seus processos de ensinar e aprender, integrando-se com seus múltiplos efeitos, suas condições sociais e afetivas, seus pensamentos e suas emoções (SCOZ, 1991). O olhar do psicopedagogo institucional e suas intervenções, propiciam que a escola se torne um espaço de aprendizagem significativa e as relações interpessoais entre os profissionais aconteçam de forma saudável e prazerosa, contribuindo para o exercício da docência, da formação e da aprendizagem.

Bastos (2015) cita que a atuação do/a psicopedagogo/a frente a formação de professores exige um delineamento preciso no sentido de identificar as reais necessidades de intervenção. O/a psicopedagogo/a constrói as hipóteses diagnósticas que fundamentaram os possíveis encaminhamentos e os professores

precisam tomar conhecimento da presença e da proposta deste profissional, para que gradativamente seja criado um espaço de escuta e diálogo, aberto a falar sobre os receios e as necessidades, sem encarar como uma ameaça de trabalho, diminuindo as defesas e resistências.

O fracasso escolar e os problemas de aprendizagem são, infelizmente, temas atuais e urgentes da realidade educacional brasileira, e é frequente encontrar posições antagônicas sobre suas causas. Ora a causa do fracasso escolar é decorrente de uma serie de carências por parte do aluno [...] por dificuldades psicológicas individuais [...] ora a causa é atribuída a própria escola, a seus métodos e condições de formação de professores [...] (BASTOS, 2015, p. 11)

Desta forma, justifica-se o engajamento colaborativo da Psicopedagogia Institucional na Formação de Professores ao promover o movimento preventivo das dificuldades de aprendizagem e compreender a escola como espaço construtivo que se fundamenta a partir das relações e compreende que sujeitos aprendem de formas diferentes, que ensinar/aprender é um processo que envolve organismo, corpo, desejo e inteligência.

É para este lugar de escuta investigativa, problematizadora e reflexiva que o Psicopedagogo Institucional dedica sua prática na Formação de Professores, ressignificando práticas educativas e contribuindo para a educação como um todo.

Referências

ANGELINI, Rossana Aparecida Vieira Maia. **Pedagogia da autoria: a construção do processo de autoria na formação de Pedagogos**. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862009000300003>. Acesso em: 10 jan. 2019.

ARGENTI, Patrícia Wolffenbüttel. A pesquisa em psicopedagogia: o caminho para a cientificidade. In: ESCOTT, Clarice Monteiro; ARGENTI, Patrícia Wolffenbüttel. (Orgs.). **A formação em psicopedagogia nas abordagens clínica e institucional: uma construção teórico-prática**. Novo Hamburgo: Feevale, 2001. p. 181 – 197.

BASTOS, Alice Beatriz Barretto Izique. **Psicopedagogia Clínica e Institucional: diagnóstico e intervenção**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BOSSA, Nadia A.. **A Psicopedagogia no Brasil: Contribuições a partir da prática.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. 131 p.

CASTANHO, Marisa Irene Siqueiro. **A Psicopedagogia em um Diálogo Multidisciplinar***. Revista Psicopedagogia. São Paulo, v. 35 n. 106, p.116 - 124, 2018. Disponível em: <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/557/a-psicopedagogia-em-um-dialogo-multidisciplinar->>. Acesso em: 20 jan. 2019.

COMPANHONI, Vivian Camila; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Psicopedagogia: fazendo a diferença na educação. **Saberes da Educação**, São Paulo, v. 5, n. 1, 2014. Disponível em: <http://www.uninove.br/marketing/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Vivian.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2018.

COSTA, Ana Araújo; PINTO, Telma Maranhão Gomes; ANDRADE, Márcia Siqueira de. **Análise Histórica do surgimento da Psicopedagogia no Brasil.** Interface Educação, São Paulo, v. 20, p.10-21, jul. 2013. Disponível em: <<http://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/234/258>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

EIDELWEIN, Monica Pagel; SANTOS, Simone Moreira dos. **Psicopedagogia no âmbito institucional do contexto universitário – contribuições na formação de professores.** Revista Práxis, Novo Hamburgo, v. 1, p. 29-36, jan. 2010. ISSN 2448-1939. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/683/755>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

ESCOTT, Clarice Monteiro. **Interfaces entre psicopedagogia clínica e institucional: um olhar e uma escuta na ação preventiva das dificuldades de aprendizagem.** Novo Hamburgo: Feevale, 2004. 136 p.

ESCOTT, Clarice Monteiro; ARGENTI, Patrícia Wolffenbüttel. Apresentação. In: _____ **A formação em psicopedagogia nas abordagens clínica e institucional: uma construção teórico-prática.** Novo Hamburgo: Feevale, 2001. 271 p.

FREIRE, Paulo. Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho D'água, 1997. Cap. 1. p. 19-26. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

_____; Vim fazer o curso do magistério porque não tive outra possibilidade. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo:

Olho D'água, 1997. Cap. 1. p. 19-26. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores:** para uma mudança educativa. Portugal: Porto Editora, 1999. 272 p. Disponível em:

<<http://abenfisio.com.br/wp-content/uploads/2016/06/Formacao-de-professores-para-uma-mudan%C3%A7a-educativa.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

GARCÍA, Carlos Marcelo. O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência. **Revista Brasileira de Pesquisa Sobre Formação de Professores:**

Formação docente, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p.11-49, jan. 2010. Disponível em:

<<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender:** a

Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov., 2004.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a01.pdf>>. Acesso em: 21 jan 2019.

NOVOA, António. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão**

docente. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, dez. 2017.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000401106&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 mar. 2019.

<http://dx.doi.org/10.1590/198053144843>.

NÓVOA, António. **Para una formación de profesores construida dentro de la profesión.** Revista de Educación, Portugal, v. 350, p.203-2018, 11 fev. 2019.

Disponível em: <http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09.pdf>.

Acesso em: 31 mar. 2019.

PINHEIRO, José Maurício dos Santos. **Da iniciação científica ao TCC:** Uma

abordagem para os cursos de Tecnologia. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **A identidade do psicopedagogo: formação e atuação**

profissional. In: SCOZ, Judith Lima et al (Orgs). Psicopedagogia: contextualização,

formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 01 – 06.

SALOMON, Sônia Maria. Experiências que propiciam o aprender – Abrindo as

portas da percepção, da intuição, da vivência corporal: caminho de encontro para a

aprendizagem. In: PINTO, Sílvia Amaral de Mello (coord.). **Psicopedagogia:**

Contribuições para a educação pós-moderna. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p. 94

– 102.



TARDIF, Maurice. **Saberes Profissionais dos Professores e Conhecimentos**

Universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério.

Revista Brasileira de Educação. ANPED, São Paulo, n. 13, p. 5-24, jan./abr. 2000.

Disponível em:

<http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE13/RBDE13_05_MAUURICE_TARDIF.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2019.

VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões. **O trabalho do psicopedagogo institucional.**

Revista Espaço Acadêmico, Maringá, v. 12, n. 139, p.1-129, 2012. Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/17281/10050>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. Psicopedagogia institucional: controvérsias, possibilidades e limites in SARGO, Claudete (org). **A práxis psicopedagógica brasileira.** São Paulo: ABPp, 1994.

WOLFFENBÜTTEL, Patrícia Pinto. **Considerações sobre a pesquisa.** In: _____.

(Org.). Psicopedagogia: teoria e prática em discussão. Novo Hamburgo: Feevale, 2005. p. 135 – 148.

Recebido março de 2021

Aprovado agosto de 2021.